



PELOS CAMINHOS DA

Evangelização

CECÍLIA ROCHA



Pelos Caminhos da



Evangelização

CECÍLIA ROCHA

Pelos Caminhos da
Evangelização



FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA

ISBN 85-7328-478-1

B.N.

1ª edição – Do 1º ao 2º milheiro

5,01-BB; 000.2-O; 2/2006

Capa de LUIS HU RIVAS

Projeto gráfico: EQUIPE FEB

Copyright 2006 by

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA

(Casa-Máter do Espiritismo)

Av. L-2 Norte – Q. 603 – Conjunto F

70830-030 – Brasília, DF – Brasil

Todos os direitos de reprodução, cópia, comunicação ao público e exploração econômica desta obra estão reservados única e exclusivamente para a Federação Espírita Brasileira (FEB). Proibida a reprodução parcial ou total da mesma, através de qualquer forma, meio ou processo eletrônico, digital, fotocópia, microfilme, Internet, CD-ROM, sem a prévia e expressa autorização da Editora, nos termos da lei 9.610/98 que regulamenta os direitos de autor e conexos.

Composição e editoração:

Departamento Editorial e Gráfico – Rua Souza Valente, 17

20941-040 – Rio de Janeiro, RJ – Brasil

CNPJ nº 33.644.857/0002-84

I.E. nº 81.600.503

Pedidos de livros à FEB – Departamento Editorial:

Tel.: (21) 2187-8282, FAX: (21) 2187-8298.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

R572p

Rocha, Cecília, 1919-

Pelos caminhos da evangelização / Cecília Rocha. – Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2006

84p.: 23cm

ISBN 85-7328-478-1

1. Espiritismo – Estudo e ensino. 2. Espíritas – Educação. I. Federação Espírita Brasileira. III. Título.

06-0483.

CDD 133.9

CDU 133.7

07.02.06

013238

Sumário

<i>Apresentação</i>	7
1. Uma filosofia da educação à luz do Espiritismo	9
2. Motivos e fins da educação à luz do Espiritismo	13
❖ Por que e para que educar?	13
3. Motivos e fins da educação à luz do Espiritismo	17
❖ Limites da educação	17
4. Na preparação de um mundo novo	21
5. O que é Evangelização Espírita?	27
6. Continuidade e qualidade da tarefa	35
7. Importância de um currículo de ensino	37
8. Bases do Programa de Evangelização Espírita	41
9. A importância da reencarnação no processo educativo	47
❖ A reencarnação e a educação	48
❖ A reencarnação e as novas gerações	49
❖ A necessidade de ensinar a viver	50
10. Razão e abrangência do currículo de ensino	51
11. A tarefa e o tarefeiro	55
❖ A tarefa	55
❖ O tarefeiro	58
12. Técnica e sentimento	61
13. A influência dos conceitos de modernidade na Evangelização	65
14. Fidelidade à mensagem do Cristo e do Espiritismo	69
15. Como educar os filhos?	73
❖ Atitudes dos pais espíritas	76
16. Mensagem aos evangelizadores	79

Apresentação

Estamos apresentando vários textos de Cecília Rocha, que contêm reflexões acerca da educação e da evangelização na visão espírita, escritos em momentos diferentes e com objetivos específicos direcionados a cada um desses momentos, pensando, com isso, contribuir eficazmente para o sucesso da tarefa de evangelizar, que constitui o ideal de todos nós que militamos com o Cristo nessa jornada.

Focalizando assuntos de interesse direto da tarefa evangelizadora, tecendo considerações pertinentes e oportunas em torno do tema, formaliza os princípios doutrinários, filosóficos e didático-pedagógicos que devem embasá-la.

Com longa trajetória no Movimento Espírita em nosso país, com contribuições significativas em 3 cursos internacionais de preparação de evangelizadores, a nossa companheira Cecília Rocha é um referencial na área da Evangelização Espírita, tendo conquistado o respeito e a consideração de todos os que a conheceram e conhecem ao longo de meio século de atividades ininterruptas em prol do crescimento da importante tarefa que engloba os ideais do Cristo com referência à evangelização das crianças e dos adolescentes.

Brasília, agosto de 2005

Rute Ribeiro
Diretora do DIJ-FEB



1

Uma filosofia da educação à luz do Espiritismo

*D*e acordo com os ideais de que se reveste, a educação tem força e ação variadas.

Educação que visa a interesses imediatistas, tais como bons empregos, evidência social, dinheiro — com exclusão de valores morais e sociais — tem, por certo, pouca capacidade de ação para o progresso real do ser.

Uma filosofia de educação é necessária, aliás, imprescindível, para que a educação cumpra a tarefa de impulsionar o progresso da Humanidade.

O Espiritismo pode iluminar a educação com uma filosofia que transpõe todos os imediatismos, que transcende a todos os limites, que descortina os mais amplos horizontes, que atende aos mais nobres interesses, e que possui um ideal capaz de impulsionar o verdadeiro progresso.

E dilatando as fronteiras da educação, ao informar que ela exerce função nos dois planos de vida, concede-lhe maior abrangência e lhe aponta objetivos de grande alcance e valor moral.

Do ponto de vista espírita, a educação não começa no berço nem termina no túmulo, mas antecede ao nascimento e sucede à morte do corpo físico.

É a ação constante, ininterrupta, que ajuda a modificar os seres, auxiliando-os na escalada evolutiva, rumo à perfeição, na esteira infinita do tempo.

Aquele que se educa tem pela frente tempo suficiente para atingir o ideal da educação à luz do Espiritismo. Persegue objetivos de longo curso. Põe em ação todo o seu potencial com vistas ao alcance dos mais puros ideais de vida. Sabe aonde vai... E quem sabe para onde se encaminha, por certo, dará passos mais seguros e contornará muitos obstáculos.

As noções de imortalidade, de progresso contínuo, de livre-arbítrio, de lei de causa e efeito e de vidas sucessivas, mediante reencarnação, nas quais se deve fundamentar a filosofia da educação que o Espiritismo revela, terão forças capazes de educar, por oferecer uma argumentação muito forte em favor da necessidade do progresso espiritual e por conter uma motivação, igualmente vigorosa, para a busca desse progresso.

A Evangelização Espírita, que põe em ação os ideais educativos do Espiritismo, cumpre sua missão quando procura promover a integração do educando consigo mesmo, com o próximo e com Deus, e quando lhe proporciona o conhecimento da lei natural que rege o Universo, bem como o da *natureza, origem e destino dos Espíritos e de suas relações com o mundo corporal*.

E desdobrando esses objetivos gerais de longo prazo em objetivos específicos, atingíveis a médio e curto prazos, a evangelização espírita infanto-juvenil vai seguindo sua trajetória, oferecendo às mentes infantis e juvenis os recursos de uma

eficiente educação, porque embasada na filosofia espírita, que considera o educando durante, antes e depois da experiência corpórea, e lhe aponta sólidos motivos para desejar a realização da maior cota possível de progresso, dentro das oportunidades que lhe são oferecidas por Deus na trajetória terrena.





Meditando com Kardec

Na introdução de *O Livro dos Espíritos*, coloca Kardec: “A moral dos Espíritos Superiores se resume como a do Cristo, nesta máxima evangélica: Fazer aos outros o que quereríamos que os outros nos fizessem, isto é, fazer o bem e não o mal. Neste princípio encontra o homem uma regra universal de proceder, mesmo para as suas menores ações”.

Uma regra moral de proceder, mesmo para as “menores ações”. Eis um programa de caráter educativo de tão grande alcance que pode englobar muitos pressupostos educacionais de várias vertentes, espraçando-se pelos procedimentos didático-pedagógicos em sala de aula.

2

Motivos e fins da educação à luz do Espiritismo

Por que e para que educar?

Quando pensamos em realizar uma tarefa da importância da educação, acodem à nossa mente duas questões fundamentais: por que e para que educar?

A primeira questão, por suas evidências, dispensa maiores comentários.

A segunda, todavia, envolve as mais sérias implicações de ordem filosófica e sua abrangência está irreversivelmente ligada a essas implicações, entre as quais se avulta o conceito que se faz daquele que se educa. Quem é o educando? Como defini-lo, como entendê-lo e como situá-lo no processo educativo?

As respostas a essas perguntas são decisivas, pois dependendo da concepção filosófica que se tem do ser — objeto da educação — é que se podem definir os fins educativos que nortearão os procedimentos necessários à consecução desses mesmos fins.

Examinemos apenas três correntes de pensamento que definem o educando:

1ª) O educando é um ser apenas material, dotado de cérebro inteligente, com capacidade para aprender, capacidade que varia enormemente de um para outro indivíduo, com aptidões inatas e cujo destino é a morte com sua extinção total. Seguirá o caminho do bem ou o do mal de acordo com suas *tendências naturais*, porque os motivos que se lhe oferecem não são de molde a incliná-lo à vivência do bem.

Tendo em vista essa definição de educando, a educação fixa os seus fins que visam, preferencialmente, a conferir-lhe uma formação que o capacite a desfrutar a existência física da melhor maneira possível, no que respeita ao conforto e à evidência social. Uma cultura utilitarista, uma profissão rendosa, além de valores imediatistas ou circunscritos ao tamanho de uma existência terrena, constituem os fins da educação embasada no conceito materialista do homem.

2ª) O educando é um ser espiritual e material, criado por Deus no ato do seu nascimento, destinado eternamente, após a morte do corpo físico, às alegrias do Paraíso ou aos sofrimentos do Inferno. Deverá agir no bem para gozar as delícias do Céu, mas, se por desgraça se inclinar para o mal, estará irremediavelmente perdido. Há, sem dúvida, uma motivação para agir no bem, porém não existem incentivos para reparar o mal.

De acordo com esse conceito de educando, a educação estabelece os seus fins que visam a oferecer-lhe, no curto período de uma existência, os recursos educativos para formar-lhe a personalidade, definitivamente destinada ao gozo de uma felicidade perene ou à agonia de sofrimentos intérminos.

3ª) O educando é um ser espiritual, criado por Deus, ora vivendo no plano do Espírito, ora respirando num corpo material. Suas tendências e inclinações procedem dele próprio e constituem conquistas acumuladas ao longo de sua caminhada evolutiva. Seu destino é toda a perfeição de que é suscetível e, para isso, conta com o tempo necessário, pois que seu esforço de aperfeiçoamento não se circunscreve apenas a uma existência terrena. No corpo e fora dele, dá continuidade ao seu aperfeiçoamento e à sua caminhada na conquista da felicidade. O Céu e o Inferno são problemas de *consciência*, os quais ele vai resolvendo à medida que evolui.

Com base no conceito espírita de educando, a educação formula seus fins que visam, acima de tudo, o seu progresso espiritual, oferecendo-lhe o conhecimento de sua origem e de sua destinação; uma destinação que transpõe os estreitos limites de uma existência terrena ou de uma felicidade não reduzida à contemplação eterna, num céu a que muitos dos seus entes queridos nunca terão acesso.

Os sofrimentos, interpretados à conta de sua própria conduta no passado, serão mais bem-aceitos pelo educando, que obterá por meio deles resultados mais satisfatórios no seu esforço de auto-aprimoramento; terá suas vistas voltadas para a felicidade que irá conquistar, seguramente, com o concurso do tempo e de novas oportunidades que lhe serão concedidas por leis sábias emanadas de Deus, Pai e Criador de todos e de tudo.

Essa educação, que considera o educando um indivíduo em trânsito pelo mundo, com um passado que se perde na esteira do tempo e um futuro que não se consegue descortinar com


precisão, tem seus horizontes e os seus limites alargados, fixando seus fins acima de quaisquer interesses imediatistas. É a educação na visão espírita: ampla, profunda, nitidamente espiritual e, indiscutivelmente, religiosa.



3

Motivos e fins da educação à luz do Espiritismo

Limites da educação

 processo de aperfeiçoamento requer a ação do próprio indivíduo disposto a realizá-lo. A educação é, em última análise, um esforço auto-educativo, pois que só se educa quem deseja educar-se.

Possuindo o livre-arbítrio, a criatura decide seguir este ou aquele caminho, eleger determinado lema de vida, perseguir este ou aquele ideal. Dependem, pois, do indivíduo, e só dele, o tipo de vida que cultiva e os propósitos que norteiam a sua caminhada.

Cumpre notar que essas afirmativas não constituem opinião pessoal, porque todos podem chegar a essas conclusões observando a variação de conduta dos indivíduos, que, recebendo os mesmos recursos educativos no seio de sua família, têm os procedimentos mais diversos.

Dentro dessa linha de raciocínio, poderíamos perguntar:

Com respeito ao que se disse anteriormente, como fica a ação educativa? Como se justificam os esforços que se despendem para educar as novas gerações? E os exemplos e estímulos que se oferecem aos educandos, a par dos conhecimentos morais e culturais com que se lhes enriquece a mente?

É desnecessária a educação, uma vez que o indivíduo, dispondo de seu livre-arbítrio, segue os ditames de sua própria vontade?

É claro que a educação é força capaz de impulsionar o progresso do homem em todos os aspectos, e que os estímulos que ela oferece às criaturas muito contribuem para o seu aperfeiçoamento.

Não obstante livre para decidir, a criatura humana é sensível às sugestões que emanam dos ambientes que a cercam e, não fora isso, não encontraria os recursos necessários ao seu auto-aperfeiçoamento; da mesma forma, é sensível às sugestões negativas com as quais entra em contato. Os bons e os maus exemplos, as boas ou as más sugestões podem influir no comportamento do indivíduo, que deverá seguir uns ou outros, segundo o veredito de sua própria consciência.

A noção do bem e do mal, existente no íntimo de cada homem, concede-lhe os recursos para decidir quanto ao que se deve inclinar; mas essa noção não diminui o valor da educação, porque esta o estimula, o impele, por assim dizer, a renovados raciocínios, encaminhando-o para a aquisição de novos valores morais e espirituais, descortinando-lhe mais dilatados horizontes de vida.

É, pois, de grande importância o concurso da educação no progresso do homem, porque constitui um apreciável reforço à sua vontade e decisão de evoluir. O que se quer evidenciar é que a educação não pode agir contra a vontade daquele que se educa, resultando daí a responsabilidade de cada um na grande caminhada da própria evolução.





Meditando com Comênio

“Deve-se estudar apenas o que tenha inquestionável utilidade nesta vida e na vida futura (de fato, nesta terra, como adverte Jerônimo, é preciso estudar as coisas cujo conhecimento se perpetuará nos céus).

Se houver necessidade (como de fato há) de dar aos jovens noções sobre coisas úteis também para esta vida, que sejam tais que não obstem à vida eterna e produzam sólidos frutos na vida presente.”

Comênio (1592-1670)

Fundador da Didática

Procurando interpretar tão nobres pensadores como Comênio e Jerônimo de Praga, chegamos à conclusão, como eles já haviam chegado em épocas tão recuadas, de que é necessário selecionar os conteúdos de ensino, considerando a plethora de informações que nos cercam, no sentido da utilidade dos conhecimentos que vamos disponibilizar às crianças e aos jovens. André Luiz nos esclarece tão bem no livro *Nosso Lar* (editora FEB) quando se debatia nas agrúrias do umbral — “Meus conhecimentos, frente ao Infinito, semelhavam-se a pequenas bolhas de sabão levadas ao vento impetuoso que transforma as paisagens.”

O que se deduz dessas considerações de André Luiz é que os conhecimentos de que era detentor de nada lhe valiam naquelas circunstâncias dolorosas — “não havia aprendido cousas que deviam ter inquestionável utilidade nesta vida e na vida futura”, na opinião de Jerônimo de Praga.

4

Na preparação de um mundo novo

Todos sentem necessidade de educar as novas gerações dentro de padrões mais humanos e de idéias mais espiritualizadas sem atinarem, todavia, com o modo de proceder. Não são poucos os que se engajariam num programa que se propusesse a iluminar a educação com conceitos mais dilatados, que ultrapassassem, inclusive, os limites da vida física. Há uma consciência instintiva a alertar-nos sobre novos rumos, no que tange à nossa preparação para a vida. E nessa relação de criaturas, que assim pensam, não figuram somente os espíritas, mas também os profíctes de outras correntes religiosas ou filosóficas, inconformados com o imediatismo da educação moderna, cujos horizontes estão cada vez mais limitados.

Já Rousseau e Pestalozzi propugnavam por uma revolução conceptual e metodológica da educação através dos seus conceitos e métodos educativos, capacitando os educandos a exercerem mudanças fundamentais na sociedade da qual participassem. A prova disso foi a influência que Pestalozzi exerceu na formação

intelectual e moral de H. L. Denizard Rivail que, graças, em grande parte, a essa formação, tornou-se o Codificador da Doutrina dos Espíritos, obra gigantesca da qual o mundo ainda não se deu conta.

Outros educadores, mais recentes, sentiram as mesmas necessidades: não só a de humanizar a educação, no sentido do respeito às potencialidades de cada um, como também a de reconhecer-lhe a importância como norteadora da formação dos indivíduos e das nações, sendo responsável, portanto, pelo progresso intelectual, moral e espiritual dos povos. Entre esses educadores, lembraremos as figuras de Dewey, nos Estados Unidos, de George Kerchensteiner, na Alemanha, de Maria Montessori, na Itália, de Hubert, na França, de Pestalozzi e Piaget, na Suíça, os quais, ainda que não tivessem esposado as idéias espíritas, prestaram relevantes serviços à causa da educação por possuírem e difundirem conceitos mais amplos sobre a natureza do homem e sobre suas necessidades educativas.

No entendimento desses e de outros Espíritos esclarecidos, não há como confundir instrução com educação: a primeira se reporta ao processo de transmissão do conhecimento ou da informação e a segunda, que engloba a primeira, vai mais além, pois trata da edificação moral e espiritual do homem, abrangendo o vasto campo de sua formação integral.

Allan Kardec, com o Espiritismo, trouxe esclarecimentos decisivos ao magno problema da educação ao definir o homem como um espírito reencarnado, viajor milenar das estradas do mundo físico, em busca do seu aperfeiçoamento. A Doutrina Espírita classifica este mundo como uma grande escola que comporta outras tantas escolas com variadas especializações, atendendo a necessidades, interesses e capacidades peculiares aos seus diversos frequentadores. Esclarece, ainda, que o homem não pode ser educado somente para a vida que começa no berço e

termina no túmulo, e que os valores, a imperar na sua educação, devem transcender os limites da vida física para que realmente tenha êxito sua experiência terrena. Aí está a concepção espírita do homem a influir nos conceitos e nos métodos da educação.

Por isso Emmanuel, no prefácio do livro *Missionários da Luz*, nos diz:

“Ao Espiritismo cristão cabe, atualmente, no mundo, grandiosa e sublime tarefa.

*Não basta definir-lhe as características veneráveis de Consolador da Humanidade, é preciso também revelar-lhe a feição de movimento libertador de consciências e corações.”*¹

De modo efetivo, o Espiritismo tem uma feição eminentemente educativa pelo fato de libertar consciências e aprimorar sentimentos, de acordo com o próprio conceito que faz da educação como processo de formação moral e espiritual do homem (Espírito imortal).

Alerta-nos, ainda, Allan Kardec quando afirma:

*“(…) Ele (o Espiritismo) já prova sua eficácia pela maneira mais racional pela qual são educadas as crianças nas famílias verdadeiramente espíritas.(…)”*²

É que as novas gerações, educadas de *maneira mais racional*, segundo as palavras do mestre lionês, receberão esclarecimentos os mais importantes em relação à sua origem e à sua destinação, ao seu passado e futuro, esclarecimentos esses capazes de lhes alterar fundamentalmente o rumo da experiência física.

Quando todos os homens da Terra souberem que são Espíritos imortais, habitando temporariamente um corpo de carne; que a alma, em qualquer parte, recebe de acordo com suas criações

¹ XAVIER, Francisco Cândido. *Missionários da Luz*, ditado pelo Espírito André Luiz. 1. ed. especial. Rio de Janeiro: FEB, 2005.

² *Revista Espírita*, fevereiro de 1864, pág. 62, tradução da FEB.

individuais; que a sementeira de amor ou ódio origina sempre uma colheita de paz ou de sofrimento; que ninguém pode ser feliz sozinho e que, em consequência, o egoísmo é o maior inimigo da felicidade; que a reencarnação é orientada no sentido de lhes proporcionar os recursos educativos que lhes são necessários e que, além do túmulo, o Espírito continua trabalhando, aprendendo e aperfeiçoando-se, então sim, o Espiritismo terá cumprido sua missão de *libertador de consciências e de corações*.

Graças a esses conhecimentos, as palavras de Jesus, suaves mas incisivas, no Sermão do Monte, soarão de maneira mais inteligível aos nossos ouvidos:

“Bem-aventurados os humildes de espírito porque deles é o reino dos céus” — isto é, bem-sucedidos, na experiência terrena, os que cultivam a humildade pelos benefícios que essa sublime virtude proporciona ao seu progresso espiritual, impulsionando-lhes os passos para a conquista do Céu, que simboliza toda a perfeição de que são suscetíveis.

“Bem-aventurados os mansos porque herdarão a terra” — bem-sucedidos, no seu esforço evolutivo, todos aqueles que usam a paciência, a brandura, a afabilidade nos embates e nas dificuldades da vida terrena; que têm por característica pessoal a mansuetude, sem prejuízo da firmeza de convicções, porque bem cedo alcançarão os planos mais elevados do Espírito.

“Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão fartos” — bem-sucedidos os que procuram, com empenho, apreender o sentido da Justiça Divina, que concede a cada um conforme suas necessidades e merecimentos.

“Bem-aventurados os misericordiosos porque alcançarão misericórdia” — bem-sucedidos, nos caminhos difíceis do mundo, todos os que, reconhecendo suas dificuldades, seus defeitos e deficiências, suas falhas grandes ou pequenas, desenvolvem

sentimentos de compreensão, de solidariedade, de benemerência, ensinando, sem censurar, e granjeando para si próprios o retorno desses sentimentos, na longa caminhada pelas estradas difíceis da evolução espiritual.

“Bem-aventurados os limpos de coração porque verão a Deus” — bem-sucedidas, na conquista dos dons espirituais, todas as criaturas em cujos corações só vicejam sentimentos superiores, pois fácil se lhes tornará a caminhada para Deus. E prossegue o Divino Mestre nos seus ensinamentos, cuja grandeza muitos de nós não têm, por enquanto, condição de entender, chamando a atenção para a responsabilidade dos indivíduos na conquista da própria felicidade — *“A cada um segundo suas obras”*.

E, por compreender tão bem a mensagem do Cristo, é que Allan Kardec, notável professor e inolvidável Codificador da Doutrina Espírita, em comentários, afirma:

*“(...) O Espiritismo não institui nenhuma nova moral; apenas facilita aos homens a inteligência e a prática da do Cristo, facultando fé inabalável e esclarecida aos que duvidam ou vacilam.”*¹

Tão extraordinário programa educativo, tão elevados conceitos a respeito das reais necessidades do Espírito, a caminho do progresso, constituem os princípios e os fins da Evangelização Espírita.

É verdade que a maioria ainda não se conscientizou da importância dessa tarefa que só o tempo poderá melhor evidenciar. O caminho e o programa, entretanto, estão traçados há muito tempo pelo Cristo e repetidos pelo Espiritismo.

¹ KARDEC, Allan. *O Evangelho segundo o Espiritismo*, cap. XVII “Sede Perfeitos”, item 4. Trad. de Guillon Ribeiro. 3. ed. especial. Rio de Janeiro: FEB, 2005.

A Evangelização Espírita contribuirá, fora de dúvida, para a formação de um mundo no qual a fraternidade deixará de ser um ideal a atingir para se tornar uma realidade constante na relação entre indivíduos e povos.


Haverá um programa melhor do que esse?

Quem o possuir que o apresente, porque é sabido que do bom relacionamento dos indivíduos, da perfeita harmonia das relações sociais, que o Evangelho e o Espiritismo preconizam, surgirão as grandes conquistas do Espírito humano nos mais vastos campos da vida, sem lágrimas, sem opressões, sem discriminações, sem privilégios, como ainda sói acontecer no mundo de hoje.



5

O que é Evangelização Espírita?

 que se faz, na área da infância e juventude, no Brasil, sob a denominação de Evangelização Espírita Infanto-Juvenil, é a difusão do conhecimento espírita e da moral evangélica pregada por Jesus, que foi apontado pelos Espíritos Superiores, que trabalharam na Codificação, como modelo de perfeição para toda a Humanidade.¹

O currículo de ensino adotado para tal cometimento tem seu conteúdo programático calcado na Obra Básica e constitui um curso de Espiritismo, que se desenvolve durante todo o processo de evangelização.

Como a preocupação não é somente com a transmissão de conhecimentos, mas sobretudo com a formação moral; e como a formação moral se inspira no Evangelho, parece-nos muito apropriada a denominação de *Evangelização Espírita* dada

¹ KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*, questão 625. Trad. de Guillon Ribeiro. 85. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005.

a essa tarefa, por expressar, na sua abrangência, exatamente o que se realiza em nossos agrupamentos de crianças e de jovens.

“O Espiritismo, longe de negar ou destruir o Evangelho, vem, ao contrário, confirmar, explicar e desenvolver, pelas novas Leis da Natureza, que revela, tudo quanto o Cristo disse e fez; elucida os pontos obscuros do ensino cristão, de tal sorte que aqueles para quem eram ininteligíveis certas partes do Evangelho, ou pareciam inadmissíveis, as compreendem e admitem, sem dificuldade, com o auxílio desta Doutrina; vêem melhor o seu alcance e podem distinguir entre a realidade e a alegoria; o Cristo lhes parece maior: já não é simplesmente um filósofo, é um Messias divino.”¹

O ensinamento espírita e a moral evangélica são os elementos com os quais se trabalha nas aulas. Esses conhecimentos são levados aos alunos por meio de situações práticas da vida, pois a metodologia empregada pretende que o aluno reflita e tire conclusões próprias a partir dos temas estudados, pois só assim se efetiva a aprendizagem real.

As aulas são realizadas num ambiente de descontração, como recomenda a didática moderna, sem misticismo, com respeito e grande aproveitamento, pois o aluno participa, questiona, informa-se, dirime dúvida, reflete e conclui.

As aulas prevêm ainda situações de aprendizagem em que o aluno é convocado a opinar quanto à prática dos ensinamentos evangélico-doutrinários que, segundo Kardec, *determinarão uma grande melhora no progresso moral da Humanidade.*

¹ KARDEC, Allan. *A Gênese*, cap. 1 “Caráter da Revelação Espírita”, item 41. Trad. de Guillon Ribeiro. 46. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005.

O programa de estudo, estruturado em bases psicológicas e pedagógicas, permite a assimilação gradativa e seqüencial da Doutrina Espírita e do Evangelho.

A palavra, o tempo, a continuidade representam as bases desse grande edifício.

A *palavra*, com a vibração de que é revestida e o esclarecimento que presta, torna-se o principal veículo da mensagem programada pelos Espíritos do Senhor.

O *tempo*, aliado à perseverança na ação, vai influenciando na formação de um alicerce educativo perfeitamente consentâneo com os ensinamentos constantes do programa em desenvolvimento.

A *continuidade* da ação evangelizadora é responsável pela solidificação da base moral, emocional e religiosa do homem.

O *programa* de ensino organiza, metodiza e enfatiza pontos relevantes a serem observados ao longo do curso de Evangelização Espírita. Especifica o conteúdo que será estudado por crianças e adolescentes. Oferece aos educandos os elementos para reflexão e assimilação desses mesmos conteúdos.

Por fornecer aos que se evangelizam novos conceitos de Deus, de alma, das penas e recompensas futuras, de religião, estabelece, já de início, um elo de ligação do evangelizando com Deus, porque Deus lhe é apresentado dentro da concepção espírita, de maneira lógica, compreensível.

A falta de programas de estudo (ensino às crianças e aos adolescentes), de informações didático-pedagógicas, bem como o deficiente preparo dos evangelizadores contribuíram para a lentidão de passos que seriam decisivos no progresso dessa tarefa.

Felizmente nesses últimos 25 anos de vigência da Campanha Permanente de Evangelização Espírita, deu-se um salto de quantidade e de qualidade na conquista dos objetivos maiores propostos por este trabalho.

Todos sabem que as dificuldades e os óbices, de natureza variada, encontrados numa tarefa, atestam a sua importância.

Não podemos imaginar um trabalho, da estatura da Evangelização Espírita, desenvolvendo-se sem maiores impedimentos no seu percurso, deslizando qual um rio num leito em declive e sem obstáculos.

Ao contrário, sua marcha ao longo do tempo tem-se caracterizado pelo enfrentamento de grandes problemas, por períodos de quase estagnação, não obstante a chama ter permanecido sempre acesa, garantindo a sua continuidade.

Cumprе acrescentar que o Mundo Espiritual vem agindo de forma a inclinar os homens de boa vontade à tarefa de portar vozes da mensagem celeste às mentes e corações que desabrocham na vida física, esperançosos, otimistas e desejosos de imprimir novos rumos ao seu processo evolutivo.

O trabalho de Evangelização Espírita — conforme sua própria denominação — oferecendo os conhecimentos trazidos por Jesus e os que a estes complementam, ditados pelos Espíritos e codificados por Allan Kardec, sob a denominação de Espiritismo, visa ao progresso espiritual de cada um na caminhada para a evolução coletiva.

Com esses ensinamentos — que formam, aliás, a síntese das informações que levarão à felicidade verdadeira — procura-se atingir os objetivos gerais do próprio trabalho,

que é a integração do educando consigo mesmo, com o próximo e com Deus.

Semelhante programa, por sua magnitude, atraiu a atenção de um grupo de espíritas que, discretamente, está realizando uma tarefa de profundidade junto àqueles que retornam à vida física, sequiosos de renovação e de progresso espiritual.

Com dedicação e, sobretudo, com uma perseverança digna de registro, os evangelizadores espíritas vão desenvolvendo junto às novas gerações — a par de outras atividades de cunho educativo — um programa de estudos que lhes oferece conhecimentos graduais do Evangelho e da Doutrina dos Espíritos. Um programa básico de Espiritismo compõe o Currículo de Ensino oferecido pela FEB.

Esse programa é desenvolvido ao longo do Curso de Evangelização Espírita Infante-Juvenil, que vai dos 3 aos 21 anos, quando as crianças e os jovens têm oportunidade de, mediante métodos adequados, realizar um estudo básico da Doutrina Espírita, de forma a lhes oferecer diretriz segura para seus estudos ulteriores. O ensino do Espiritismo é efetuado desde o maternal (3 e 4 anos), de acordo com as possibilidades de entendimento de cada faixa etária.

Como vemos, é um empreendimento que tem objetivos a curto, médio e longo prazos muito bem definidos para todos aqueles que se têm dedicado a essa complexa atividade do Movimento Espírita, estando claramente expressos no *Currículo para Escolas Espíritas de Evangelização Infante-Juvenil*.

As experiências de aprendizagem facilitam a compreensão e a vivência dos ensinamentos a serem ministrados.

Os conteúdos programáticos mínimos de estudo, que se realizam nesses cursos, são extraídos das Obras da Codificação, facilitando ao aluno, de qualquer idade, um conhecimento metódico da Doutrina Espírita.

Frequentar as aulas de evangelização espírita é realizar, de forma seqüencial, um bom aprendizado da Doutrina Espírita, em primeiro lugar e, em segundo, é participar de experiências de aprendizagem capazes de levar à vivência dos conhecimentos adquiridos.

O valor desse trabalho repousa em seus próprios objetivos, na dedicação do evangelizador, no preparo e aperfeiçoamento constante a que esse evangelizador se submete, na busca do aprimoramento espiritual e das condições pedagógicas para o desempenho cabal da sua tarefa.

É necessário ressaltar, ainda, que, à medida que contribui para o crescimento espiritual das crianças e dos adolescentes, o evangelizador realiza o próprio progresso, premido pela necessidade de reunir condições mínimas para o exercício do seu ministério. Essa dedicação, aliada à adoção de um programa de ensino bem elaborado, por certo fará com que os objetivos propostos para a tarefa de Evangelização Espírita Infanto-Juvenil sejam atingidos.

Nesse ponto, lembremos os comentários de Kardec à questão 917 de *O Livro dos Espíritos*: “(...) *Faça-se com o moral o que se faz com a inteligência e ver-se-á que, se há naturezas refratárias, muito maior do que se julga é o número das que apenas reclamam boa cultura, para produzir bons frutos.*”

É na crença dessa assertiva de Kardec que, aqueles que se empenham no ensino espírita às novas gerações, buscam o incentivo, o estímulo, o entusiasmo necessários ao prosseguimento de sua tarefa freqüentemente realizada em salutar anonimato.



Meditando sobre a tarefa de evangelizar

A tarefa de evangelizar, no fundo, consiste num diálogo entre o evangelizador e a criança, que se estabelece a partir do desejo do primeiro, de colaborar com o companheiro na fase infantil, na busca do conhecimento e da vivência do bem e, do segundo, da necessidade de imprimir novos rumos aos seus passos, nesta existência terrena.

Convergindo esses interesses para uma mesma finalidade, resultam daí mudanças significativas na conduta de cada um em virtude da chama vibrante, que aquece os sentimentos daqueles nela envolvidos.

Essa chama, que pode ser denominada de amor, não conhece obstáculos intransponíveis e leva no seu bojo a força capaz de transformar os indivíduos, e, em consequência, a sociedade.

6

Continuidade e qualidade da tarefa

A tarefa de Evangelização Espírita a ser desenvolvida pelo Centro Espírita com a atenção especial de sua diretoria e com o apoio dos órgãos de unificação do Movimento Espírita local, estadual e nacional é, sem dúvida, importante realização para a qual devem voltar as vistas todos aqueles que se preocupam com o futuro do nosso Movimento, além de se interessarem profundamente pela formação espírita das novas gerações.

Sem considerar, neste momento, a ação junto à criança e ao jovem na sua importância maior, que é a da evangelização à luz do Espiritismo, vamos focar o aspecto continuidade e qualidade do Movimento Espírita que, em futuro próximo, estará nas mãos dos que hoje freqüentam, na condição de crianças e de adolescentes, as Escolas de Evangelização Espírita mantidas pelos Centros.

As exigências da vida atual, no que tange à organização e ao funcionamento das Casas Espíritas, ao estudo metódico da Doutrina Espírita e às demais atividades desenvolvidas, estão a apontar maior complexidade no futuro, o que implica a necessidade de preparar os obreiros dos novos tempos com conhecimentos e firmeza de convicções

tais que os capacitem a enfrentar, com segurança e eficiência, esse futuro que já aponta com características claramente perceptíveis.

Em razão disso, podemos concluir que a atividade de Evangelização Espírita no Centro é um empreendimento que está desafiando os dirigentes, não só pela sua importância e oportunidade, como, principalmente, pela sua complexidade, pois exige uma equipe com habilitação específica para que possa ser desenvolvido.

Esse fator não deve, entretanto, servir de empecilho intransponível à sua realização. É preciso, sim, mediante um plano elaborado com a participação de todos os trabalhadores do Centro, que se criem condições para as atividades de evangelização. Essas condições consistem em reunir pessoas interessadas no trabalho; em procurar os órgãos de unificação do Movimento Espírita para obter programas de ensino, planos de aula e outras informações, mais fáceis de serem encontradas nesses órgãos. Deve haver um envolvimento geral de toda a diretoria da Casa no sentido de seu interesse pelo novo trabalho, gerando um clima propício à sua instalação e posterior desenvolvimento.

Criada a tarefa, parte-se em busca do seu constante aprimoramento, pois quem se dedica ao ensino da Doutrina Espírita às crianças e aos jovens precisa estar sempre atualizado em relação a métodos e processos de ensino, sem falar na necessidade dos conhecimentos doutrinários e na conduta condizente com a incumbência que lhe está afeta.

O Centro Espírita consciente, pois, de sua missão deve envidar todos os esforços não só para a criação das Escolas de Evangelização Espírita Infante-Juvenil, como também para seu pleno funcionamento, considerando a sua importância em termos de formação moral das novas gerações e de preparação de futuros obreiros da Casa e do Movimento Espíritas.



7

Importância de um currículo de ensino

“Um dos maiores obstáculos capazes de retardar a propagação da Doutrina seria a falta de unidade. O único meio de evitá-la, senão quanto ao presente, pelo menos quanto ao futuro, é formulá-la em todas as suas partes e até nos mais mínimos detalhes, com tanta precisão e clareza, que impossível se torne qualquer interpretação divergente.”¹

À mesma conclusão chegamos hoje — 149 anos depois das considerações de Allan Kardec em *Obras Póstumas* — em relação ao trabalho com a criança e com o jovem. Se nos faltarem a unidade de princípios, a de conceitos e a de objetivos, por certo caminharemos por estradas tão diferentes que não nos permitirão o encontro futuro dentro da mesma visão doutrinária.

Não nos referimos à uniformização de métodos, técnicas e procedimentos didáticos, que podem e devem variar em face da diversidade de situações de aprendizagem que se apresentam

¹ KARDEC, Allan. *Obras Póstumas*, Segunda Parte, “Projeto-1868”. Trad. de Guillon Ribeiro. 1. ed. especial. Rio de Janeiro: FEB, 2005.

segundo a procedência dos aprendizes. Mas, sim, ao conteúdo doutrinário do ensino que precisa ser fiel à Doutrina Codificada.

Considerando, ainda, a liberdade da escolha de métodos, técnicas e procedimentos didáticos, deve-se levar em conta, também, a coerência do seu uso com os princípios básicos da Doutrina.

As técnicas e recursos didáticos disponíveis facultam-nos uma seleção coerente com os princípios doutrinários a serem estudados com os alunos.

Nossa atenção precisa estar voltada preferentemente para a coerência dos conteúdos programados. E aqui chegamos a outro ponto da maior importância em nossa tarefa: a adoção de um currículo de ensino que não consiste, apenas, como alguns supõem, numa relação de assuntos tomados e descritos aleatoriamente.

Um currículo de ensino deve levar em conta: uma linha filosófica e doutrinária; uma fundamentação psicológica (clientela à qual se destina); uma orientação didático-pedagógica; conteúdos mínimos a serem selecionados; processos de avaliação. Isso num exame muito rápido, somente para dar idéia de quão distante pode se encontrar um currículo de ensino da relação de assuntos acima mencionada.

A coerência das partes constitutivas de um currículo dá-nos uma visão da direção para onde vamos, aponta-nos rumos com segurança, e não nos deixa tateando no escuro, ora seguindo por uma estrada, ora por outra, sem saber quando e onde aportaremos e se o ponto alcançado é aquele mesmo apontado pelo Espiritismo. *“Não há vento favorável para quem não sabe aonde vai”* (Sêneca).

A primeira preocupação do evangelizador, ao receber crianças e jovens para evangelizar, é a de ter uma consciência firme do que vai oferecer para a reflexão dos evangelizados. É o conhecimento do Espiritismo e do Evangelho. O segundo passo é descobrir quais os caminhos, técnicas e recursos para repassar a

Doutrina Espírita às crianças e aos adolescentes. O terceiro passo é saber avaliar os resultados dos seus esforços.

Como vemos, há etapas necessárias e indispensáveis para se realizar, com eficiência e eficácia, a evangelização das novas gerações, que retornam à experiência física, ansiosas por novos estímulos que as conduzam ao progresso espiritual.

Levando-se em conta que o objeto da evangelização é a nova geração (crianças e jovens), não há dúvidas de que a geração adulta, responsável por esse trabalho, conhecedora da importância da Doutrina Espírita e do Evangelho na formação do Espírito reencarnado, deve organizar-lhe o contexto de aprendizado doutrinário, no qual figurem todos os aspectos que acabamos de descrever, dentre os quais se destaca a pessoa do evangelizando no seu todo biopsíquico, social e espiritual.

O ensino da Doutrina Espírita deve ser organizado mediante experiências de aprendizagem, cujas características aqui reproduzimos:

— *dinâmicas e desafiadoras* — que, despertando o interesse e a curiosidade do evangelizando, proporcionem sua participação ativa, levando-o à aplicação de soluções evangélico-doutrinárias para resolver os problemas cotidianos;

— *significativas* — que possam ser compreendidas e assimiladas pelo evangelizando, conforme objetivos preestabelecidos, de acordo com o seu nível de interesse;

— *encadeadas* — que obedeçam a uma determinada seqüência gradativa: do mais fácil para o mais difícil; do mais simples para o mais complexo; da parte para o todo; do próximo para o distante; do conhecido para o desconhecido; das experiências concretas para as abstratas;

— *individuais* — que estejam ao nível de cada evangelizando, em particular, permitindo o atendimento às

diferenças individuais, pois, embora o desenvolvimento se processe por leis universais, condicionam-se às circunstâncias cármicas particulares (condições biopsico-socioeconômico-culturais e espirituais);

— *grupais* — que proporcionem ao evangelizando atividades com outros evangelizados, facilitando o processo de convivência fraterna nos padrões da solidariedade e da tolerância, aproveitando-se o ensejo para estabelecimento de laços afetivos e formação de grupos espontâneos — característica do processo de socialização da criatura na infância e na adolescência.

Considerando esses ligeiros comentários sobre a importância e função de um currículo de ensino espírita, concluímos que sua organização (uma nova proposta) está firmemente atrelada à existência de uma equipe de evangelizadores, de significativo trânsito nas áreas doutrinária e pedagógica, com disposição de trabalho e de tempo suficiente para tão importante quanto complexa tarefa.




8

Bases do Programa de Evangelização Espírita

“O Espiritismo é forte porque assenta sobre as próprias bases da religião: Deus, a alma, as penas e as recompensas futuras; sobretudo, porque mostra que essas penas e recompensas são corolários naturais da vida terrestre e, ainda, porque, no quadro que apresenta do futuro, nada há que a razão mais exigente possa recusar.”¹

“A moral que os Espíritos ensinam é a do Cristo, pela razão de que não há outra melhor. (...)”²

 Programa de Evangelização Espírita da Infância e da Juventude está integralmente baseado nessas assertivas expressas por Allan Kardec em *A Gênese*, no capítulo que trata do caráter da revelação espírita, e na conclusão de *O Livro dos Espíritos*.

Fornecendo ao evangelizando os novos conceitos de Deus, de alma, de penas e recompensas futuras, de religião, que o

¹ KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*, Conclusão, item V. Trad. de Guillon Ribeiro. 1. ed. especial. Rio de Janeiro: FEB, 2005.

² KARDEC, Allan. *A Gênese*, cap. 1 “Caráter da revelação espírita”, item 56. Trad. de Guillon Ribeiro. 46. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005.

Espiritismo oferece, já de início estabelece um elo de ligação do educando com Deus, porque Deus lhe é apresentado dentro da concepção espírita, que elucida todo o tipo de dificuldade que alguém possa ter no que concerne ao entendimento da existência de Deus e de sua paternidade.

Estabelecido esse elo de ligação, por meio da fé raciocinada, das mais lógicas explicações dos mecanismos pelos quais se manifesta a Justiça Divina (lei de causa e efeito), o evangelizando dá o primeiro e decisivo passo na estrada que deverá percorrer em busca do seu auto-aperfeiçoamento moral.

Por sentir-se filho de Deus, que é a suprema bondade, a sabedoria, o amor e a justiça, o criador do mundo em que vivemos, e de todos os mundos que povoam o Universo infundável, admitirá, facilmente e sem vacilações, a idéia de sua sobrevivência e de sua destinação. Reconhecer-se-á *como um ser* imortal e perfectível, a caminho do pleno progresso espiritual, pelo seu esforço próprio e pelas oportunidades que, para isso, o Pai lhe concede.

Realmente o *Espiritismo é forte* e se fundamenta, também, na religião, entendida de acordo com seus esclarecimentos. Assim como modificou os conceitos de Deus, de alma, de penas e recompensas futuras, também deu novas dimensões ao conceito de religião que, à sua luz, é despojada de todo e qualquer adereço exterior ou formalístico para representar tão-somente a idéia de ligação da criatura com o Criador.

Ao lado dos ensinamentos que o Espiritismo oferece, que constituem a base do Programa de Evangelização Espírita Infanto-Juvenil, destaca-se a moral evangélica que, segundo Kardec, *é a moral que os Espíritos recomendam, pela razão de que não existe outra melhor.*

Fica, mais uma vez, justificada a denominação dada à tarefa que se realiza junto às crianças e aos jovens. Também fica

evidenciado que o programa que se desenvolve junto às novas gerações está em perfeito acordo com as conclusões do Codificador do Espiritismo, a respeito da importância e da abrangência das lições do Evangelho de Jesus Cristo.

Todavia, à medida que o trabalho se desenvolve, novas formas de ação, novos enfoques e novos procedimentos didáticos são adotados de acordo com as exigências da época; mas o fundamento, que é o ensino dos princípios espíritas e da moral evangélica, continuará subsistindo como alicerce irremovível da edificação espiritual de crianças e jovens.

Trabalhando sobre as bases acima enunciadas, podemos ficar tranqüilos quanto à colheita dos frutos. Não duvidemos do valor desse esforço, que se realiza por inspiração dos Espíritos Superiores.

Por isso mesmo, cumpre destacar que, mediante a adequada e persistente aplicação desse programa, nas Casas Espíritas, atendendo às necessidades mais prementes dos seres que compõem as gerações novas e dos que lhes vierem reforçar as fileiras, no porvir, o mundo se beneficiará com as transformações dos indivíduos, os quais se revelarão aptos a integrar e a representar na Terra uma nova ordem social.

“(...) O essencial está em que o ensino dos Espíritos é eminentemente cristão; apóia-se na imortalidade da alma, nas penas e recompensas futuras, na justiça de Deus, no livre-arbítrio do homem, na moral do Cristo. Logo, não é anti-religioso.”¹

Como não poderia deixar de ser, o Programa de Evangelização Espírita apóia-se nos princípios básicos do Espiritismo e nos ensinamentos do Cristo, aliando os alicerces científicos e filosóficos da Doutrina à moral evangélica expressa por Jesus e reconhecida, de maneira incontestável, pelo Codificador.

¹ KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*, parte II, cap. V “Considerações sobre a pluralidade das existências”. Trad. de Guillon Ribeiro. 1. ed. especial. Rio de Janeiro: FEB, 2005.

Allan Kardec, ao longo de sua atividade espírita, quer por meio de seus livros, quer por seus artigos na *Revue Spirite*, enfatizou sempre a necessidade da formação moral do homem embasada nos ensinamentos do Cristo.

Emprestou a esse aspecto da Codificação Espírita importância especial, quando disse:

*“A Humanidade tem realizado, até ao presente, incontestáveis progressos. Os homens, com a sua inteligência, chegaram a resultados que jamais haviam alcançado, sob o ponto de vista das ciências, das artes e do bem-estar material. Resta-lhes ainda um imenso progresso a realizar: o de fazerem que entre si reinem a caridade, a fraternidade, a solidariedade, que lhes assegurem o bem-estar moral.(...)”*¹

O Currículo de Ensino Espírita do DIJ/FEB dá grande atenção à formação moral do educando, à luz dos conhecimentos evangélicos, por reconhecer, com Kardec, que a maior necessidade do ser humano consiste na prática da moral evangélica, a qual, no pensar do Codificador, é a melhor.

Evangelho e Doutrina Espírita, esse binômio que se funde em síntese de conhecimentos perenes e redentores, serão os elementos promotores da renovação moral e social da Humanidade, que, nos albores do século XXI, ainda se debate nas angústias das guerras fratricidas, da fome, da opressão, das discriminações de várias ordens, da degenerescência dos costumes...

É novamente com o Mestre de Lyon que buscamos respaldo para as nossas assertivas:

“O Espiritismo realiza, como ficou demonstrado (cap. I, nº 30), todas as condições do Consolador que Jesus prometeu. Não é uma doutrina individual, nem de concepção humana; ninguém pode dizer-se seu criador.

¹ KARDEC, Allan. *A Gênese*, cap. XVIII “São chegados os tempos” — Sinais dos tempos. Trad. de Guillon Ribeiro. 46. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005.

É fruto do ensino coletivo dos Espíritos, ensino a que preside o Espírito de Verdade. Nada suprime do Evangelho: antes o completa e elucida.(...)"¹

“Demais, se se considerar o poder moralizador do Espiritismo, pela finalidade que assina a todas as ações da vida, por tornar quase tangíveis as conseqüências do bem e do mal, pela força moral, a coragem e as consolações que dá nas aflições, mediante inalterável confiança no futuro, pela idéia de ter cada um perto de si os seres a quem amou, a certeza de os rever, a possibilidade de confabular com eles; enfim, pela certeza de que tudo quanto se fez, quanto se adquiriu em inteligência, sabedoria, moralidade, até à última hora da vida, não fica perdido, que tudo aproveita ao adiantamento do Espírito, reconhece-se que o Espiritismo realiza todas as promessas do Cristo a respeito do Consolador anunciado. (...)"²

Acreditamos, pelo exposto, que um programa de ensino, cujas bases estão alicerçadas nas lições do Evangelho e nos fundamentos do Espiritismo, tem condições, se bem aplicado, de oferecer aos Espíritos que se encontram neste mundo, na fase da infância e da adolescência, os recursos necessários ao seu auto-aprimoramento, levando-os a desenvolver o raciocínio, a inteligência, e a burilar os sentimentos.



¹ KARDEC, Allan. *A Gênese*, As Predições, cap. XVII “Predições do Evangelho” — Anunciação do Consolador, item 40. Trad. de Guillon Ribeiro. 46. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005.

² KARDEC, Allan. *A Gênese*, cap. 1 “Caráter da Revelação Espírita”, item 42. Trad. de Guillon Ribeiro. 46. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005.



Meditando com Jesus

*“Olhai, vigiai e orai; porque não sabeis
quando chegará o tempo.”*

Jesus (Marcos, 13:33.)

Não estou em condições de evangelizar! Quem sou eu para assumir tão sério compromisso! São expressões que se ouvem por parte daqueles que são convidados a colaborar nas tarefas de evangelização de crianças e adolescentes.

Não obstante ser o “tempo” diferente para cada um de nós, o certo é que a Humanidade chegou a um patamar de evolução que já pode compreender o seu papel na sociedade deste planeta que caminha para dias melhores.

Acontece que, somente o olhar atento, o vigiar e o orar podem indicar o tempo de cada um. Que não percamos o nosso tempo individual pois, além de ser um enorme prejuízo para nós próprios, é, também, para as gerações que estão retornando às lides terrenas, contando com a nossa colaboração ao seu esforço evolutivo. Oremos e meditemos.

9

A importância da reencarnação no processo educativo

“*A vida espiritual é a vida normal do Espírito: é eterna; a vida corporal é transitória e passageira: não é mais do que um instante na eternidade.*”¹

A vida terrena é um instante da vida imortal do Espírito e deve ser muito bem aproveitada no sentido do seu aprimoramento. O objetivo fundamental da nossa encarnação é o progresso intelecto-moral. Aperfeiçoar a inteligência e o sentimento constitui o fim último de nossa estada na vida corpórea.

Tudo o que acontece na experiência física visa a essa finalidade. Assim, atividade profissional, evidência social, abastança, pobreza, títulos, diplomas, amizades, solidão constituem circunstâncias que nos auxiliam na busca do aperfeiçoamento espiritual. Cada Espírito, na existência terrena, defronta, pois, com oportunidades que se manifestam como obstáculos ou facilidades,

¹ KARDEC, Allan. *Obras Póstumas*, Primeira Parte, “Profissão de fé espírita raciocinada”, item 20. Trad. de Guillon Ribeiro. 1. ed. especial. Rio de Janeiro: FEB, 2005.

conforme o tipo de experiência que deverá realizar, com vistas ao seu progresso. E todos, sem exceção, reencarnam para progredir, recebendo, para isso, da Providência Divina, os recursos de que necessitam.

A criatura humana, todavia, usando do seu livre-arbítrio, costuma infringir a Lei Maior e desconhecer a sua própria destinação como ser imortal a caminho da perfeição de que é suscetível.

Para os espíritas, conhecedores dos princípios do Espiritismo, o que acaba de ser dito é o óbvio. Entretanto, poucos de nós realizam, durante a jornada no corpo de carne, um roteiro de vida compatível com esses conhecimentos.

Distraídos com as solicitações do mundo, envolvidos com os conceitos de valor do imediatismo terreno, esquecemos os compromissos e, ainda que alertados pela Revelação Espírita, permanecemos a serviço dos interesses puramente transitórios, não realizando, portanto, a cota de progresso que a jornada terrena nos poderia proporcionar.

“Quando um Espírito empregou mal uma existência, isto é, quando nenhum progresso realizou na senda do bem, essa existência lhe resulta sem proveito, ele tem que a recomençar em condições mais ou menos penosas, por efeito da sua negligência ou má vontade.”¹

Como vemos, uma existência terrena é, realmente, de grande importância no processo evolutivo de cada Espírito e não deve, de forma alguma, ser desperdiçada, sob pena de assumirmos graves compromissos perante a Lei.

A reencarnação e a educação

A educação embasada no conhecimento espírita e na moral evangélica assegura, sem sombra de dúvida, o pleno provei-

¹ KARDEC, Allan. *Obras Póstumas*, Primeira Parte, “Profissão de fé espírita raciocinada”, item 25. Trad. de Guillon Ribeiro. 1. ed. especial. Rio de Janeiro: FEB, 2005.

tamento da existência terrena, porque direciona os passos da criatura humana para as conquistas dos bens do Espírito.

Quantos dissabores futuros poupa àqueles a quem beneficiou desde a primeira infância, pois o homem, educado à luz dos conhecimentos espíritas, obterá de sua experiência no corpo de carne os melhores resultados para o seu progresso. Indubitavelmente, a época mais propícia para a educação do Espírito reencarnado é a da infância e da adolescência. É nesse período do desenvolvimento humano que a educação atua com maior eficiência e deixa, indeléveis, as suas marcas.

A reencarnação e as novas gerações

Os pais espíritas, convictos da grande finalidade da reencarnação, preocupam-se com a evangelização dos filhos à luz do Espiritismo, por saberem que o conhecimento espírita, apoiado na moral evangélica, constituirá a base da educação a ser ministrada, o alicerce sobre o qual se erguerá a verdadeira cultura, aquela que vai promover o desenvolvimento do intelecto e dos sentimentos.

Fora desse modo de entender não há processo educativo que possa atingir os fins colimados pela reencarnação e, por mais esforços que se façam em sentido contrário, não é possível formar uma geração consciente da sua destinação superior sem lhe oferecer, como base educativa, o conhecimento espírita.

Com essa base, os componentes das novas gerações, ao freqüentarem as escolas regulares de ensino, saberão selecionar o que mais lhes convém ao progresso como seres imortais. Esse fato, por si só, representa um grande auxílio para o progresso do Espírito, porquanto o livra de absorver uma série de conceitos materialistas que lhe cegariam o entendimento e lhe obliterariam a razão.



A necessidade de ensinar a viver

“O Espiritismo cristão não oferece ao homem tão-somente o campo de pesquisa e de consulta, no qual raros estudiosos conseguem caminhar dignamente, mas, muito mais que isso, revela a oficina de renovação, onde cada consciência de aprendiz deve procurar sua justa integração com a vida mais alta, pelo esforço interior, pela disciplina de si mesma, pelo auto-aperfeiçoamento.”¹

Na esclarecida opinião de Emmanuel, não nos basta o deleite intelectual da pesquisa e da experimentação, mas, acima disso, impõe-se como providência inadiável, e bastante conveniente para nós, a renovação moral que o Espiritismo ajuda a realizar.

Ensinar a viver é a função maior do conhecimento espírita, que envolve toda uma filosofia de vida capaz de garantir ao Espírito reencarnado o pleno sucesso de sua existência terrena.

Reforçando essas considerações, que integram as bases sobre as quais se alicerça o Programa da Evangelização Espírita, recorremos, mais uma vez, a Emmanuel:

“Levantam-se educandários em toda a Terra.

Estabelecimentos para a instrução primária, universidades para o ensino superior. Ao lado, porém, das instituições que visam à especialização profissional e científica, na atualidade, encontramos no templo espírita a escola da alma, ensinando a viver.”²



¹ XAVIER, Francisco Cândido. *Os Mensageiros*, Prefácio, ditado pelo Espírito André Luiz. 1. ed. especial. Rio de Janeiro: FEB, 2003.

² XAVIER, Francisco Cândido e VIEIRA, Waldo. *Estude e Viva*, “Na Escola da Alma”, ditado pelos Espíritos Emmanuel e André Luiz. 10. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005.

10

Razão e abrangência do currículo de ensino

Na parte referente às experiências de aprendizagem, que constituem o ponto alto de todo o trabalho educacional, o currículo proposto pelo DIJ-FEB diz: “*Experiências de aprendizagem são situações simuladas que se planejam com o fim de favorecer a aprendizagem*”. Portanto, nessas experiências, a ênfase é dada a situações práticas que favoreçam ao educando a associação natural dos conhecimentos adquiridos com aquelas que a vida lhe apresenta.

Centrado no educando, o currículo seleciona conteúdos e sugere práticas e procedimentos didáticos específicos para cada faixa etária. As crianças de várias idades e os adolescentes recebem tratamento compatível com o seu desenvolvimento biopsicossocial e espiritual.

Os conteúdos formados pelos princípios básicos da Doutrina Espírita e do Evangelho podem ser desenvolvidos com alunos de qualquer nível socioeconômico e cultural.

No caso de crianças e de jovens socialmente carentes, o que precisa e deve ser diferente são os procedimentos didáticos, as técnicas, os recursos empregados, as situações de aprendizagem propostas.

Ao se organizar uma aula sobre qualquer assunto do Currículo, é necessário escolher a sua forma de apresentação, os exemplos a serem citados, os recursos a serem empregados para que a mensagem que ela pretenda transmitir ao aluno chegue efetivamente aos seus sentimentos e à sua inteligência.

Exemplificando: com o tema reencarnação, podemos estruturar diversos tipos de aula, não só enfocando esse assunto sob variados ângulos, como selecionando os procedimentos didáticos por meio dos quais será apresentada e desenvolvida.

Reencarnação, livre-arbítrio, lei de causa e efeito são temas perfeitamente compreensíveis pelas crianças carentes (dos 8 ou 9 anos em diante) e constituem, para essas crianças, conhecimentos dos mais valiosos no sentido de ajudá-las a aceitar, sem maior revolta, a problemática de suas vidas.

A informação primeira e indispensável à tarefa de evangelizar à luz do Espiritismo é a idéia de Deus e de sua paternidade. Essa informação, fundamental ao ser humano, pode ser apresentada sob diversas formas, todas capazes de torná-la compreensível a crianças de qualquer procedência social ou cultural. O que diferencia o trabalho de evangelização junto às crianças carentes, o que o caracteriza, por assim dizer, é a necessidade de uma série de outros atendimentos paralelos a esse, aliados a uma maior doação no trato afetivo com elas.

Ao pensar na evangelização do menor socialmente carente, no seio do Movimento Espírita, acodem-nos à mente não só as providências indispensáveis ao atendimento desse menor, quais sejam as de assistência material, mas principalmente as do ensino

da Doutrina Espírita, base sobre a qual deve-se erigir toda a estratégia de atendimento e de educação dirigida a esse tipo de criança e de adolescente.

O ensino do Espiritismo é básico. Omiti-lo seria realizar um trabalho que pode ter tudo o que realizam as outras religiões e movimentos sociais, sem a característica espírita. O objetivo maior que a Doutrina oferece — o de explicar as razões dos sofrimentos e aparentes injustiças sociais — ficará prejudicado, se os princípios básicos da Doutrina não forem ensinados e discutidos com os alunos, mormente esse tipo de aluno, mesmo em tenra idade, para os quais a vida é um constante desafio à sua capacidade de compreensão.

Aqueles que se propõem levar a mensagem espírita cristã a essas crianças ou a esses jovens devem estar conscientes de que necessitam desenvolver maior compreensão, paciência, perseverança e fé na capacidade de modificação e crescimento de Espíritos que reencarnam em situações muito difíceis e adversas, com a finalidade de superá-las, avançando na estrada do progresso. Compete, pois, aos evangelizadores espíritas que desenvolvem sua tarefa junto ao menor socialmente carente, levar em conta, em primeiro lugar, os valores da afetividade, do carinho e da compreensão, na certeza de que estão lidando com criaturas em duras provas, mas capazes de compreender qualquer assunto, pois que são dotados de inteligência, necessitando, apenas, receber os ensinamentos sob condições especiais.

O problema não está nos programas de ensino disponíveis, mas na forma como são desenvolvidos. É uma questão de metodologia, o que, sem dúvida, é muito importante e merece toda a atenção.

Resultados bastante animadores se podem obter quando, compreendendo-se a importância e o alcance da Evangelização

Espírita da infância e da adolescência socialmente carentes, se utilizarem, no trabalho, métodos e procedimentos didáticos adequados, aliados a uma grande dose de dedicação e de paciência, semeando sem esmorecimento e procurando, sempre, novas formas de atingir a mente e o coração dos que retornam às lides terrestres desejosos de renovação e de progresso.

É oportuno acrescentar que se deve estar permanentemente atento às necessidades de mudança e de aperfeiçoamento dos métodos de trabalho, bem como às de intercâmbio com quantos se dedicam a esse ministério.



11

A tarefa e o tarefeiro

A tarefa

É de se notar a extraordinária ação que exerce, na formação moral do educando, essa aula semanal que denominamos *Evangelização Espírita Infanto-Juvenil*.

Ela se assemelha a agente catalisador das melhores influências, inclinando o indivíduo ao bem, ao desejo sincero de desenvolver qualidades nobres e atitudes verdadeiramente elevadas.

É evidente que se fala em tese, porque muitas criaturas permanecem insensíveis aos mais valiosos estímulos, não apresentando nenhuma reação positiva ante os ensinamentos evangélico-doutrinários.

Mas, em geral, a mensagem cristã espírita veiculada em nossas Escolas de Evangelização tem frutificado da maneira mais alentadora. Algumas vezes exige o concurso de tempo mais dilatado; outras vezes cai em terra fértil, produzindo *mil por um*.

Ainda que a ação dos Espíritos Orientadores do progresso da Humanidade seja a mais significativa, a ação humana dirigida nesse sentido é fundamental, porque sem esta não se exerceria a influência direta do esforço de evangelização.

É, sem dúvida, a ação dos Espíritos Evangelizadores que imprime a essa tarefa a força modificadora e modeladora do caráter, que nos causa, por sua pujança, verdadeira admiração.

É em Allan Kardec, o codificador do Espiritismo, que encontramos explicação para esse fato quando ele afirma textualmente: *“Devendo a prática geral do Evangelho determinar grande melhora no estado moral dos homens, ela, por isso mesmo, trará o reinado do bem e acarretará a queda do mal. (...)”*¹

Mas como ocorrerá a prática do bem por toda a Humanidade? Aconteceria algum fato insólito marcando de maneira ostensiva essa transformação? O céu se encherá de cartazes luminosos alusivos à nova era? Anjos anunciarão os novos tempos, enchendo o mundo inteiro com a grata notícia?

Por certo que não. Essa transformação será fruto da ação paulatina da prática do Evangelho, que atingirá consciências e corações, no esforço perseverante e contínuo do esclarecimento. É a semente de agora a transformar-se em fruto amanhã. É o esforço ingente de hoje, contribuindo para o advento da nova era.

Todos estão sendo chamados, pois não há discriminações por parte do comando do Divino Mestre. Nem todos, todavia, atenderão ao apelo, pois preferirão os interesses imediatistas. *“(…) Mas, todos os que tiverem em vista o grande princípio de Jesus se confundirão num só sentimento: o do amor ao bem e se unirão por um laço fraterno, que prenderá o mundo inteiro. (...)”*²

A Evangelização Espírita põe em ação esses ideais e cumpre sua missão quando procura promover a integração do

¹ KARDEC, Allan. *A Gênese, As Predições*, cap. XVII “Predições do Evangelho” — Sinais precursores, item 58. Trad. de Guillon Ribeiro. 46. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005.

² KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*, “Prolegômenos”. Trad. de Guillon Ribeiro. 1. ed. especial. Rio de Janeiro: FEB, 2005.

evangelizando consigo mesmo, com o próximo e com Deus, e quando lhe proporciona o conhecimento da lei natural que rege o Universo.

Não são poucos os que ignoram o poder transformador desse trabalho, e até os que nele estão empenhados por vocação podem não estar perfeitamente esclarecidos a respeito. Que diremos? Só os Espíritos têm os planos completos da obra a ser realizada nesse sentido.

O reconhecimento do valor da tarefa foi o primeiro passo da Campanha Permanente de Evangelização Espírita Infanto-Juvenil. Podemos avaliar o seu progresso ao longo desses anos de vigência. Ainda não é completo esse reconhecimento, mas já é significativo. Cumpre-nos, portanto, continuar, com o mesmo empenho, a demonstrar o seu alcance e a sua profundidade.

A tarefa se apresenta modesta, despreziosa, semelhante à violeta que se esconde entre as demais flores, mas recende tal perfume que inunda o jardim, evidenciando sem o desejar sua presença.

Realizada no anonimato, vai, devagar, penetrando o evangelizando e nele assentando os alicerces do homem adulto. Sua influência ativa e benéfica, sob todos os pontos de vista, só mais tarde será percebida pela maioria dos espíritos.

Não é trabalho com data pré-fixada para seu término. O tempo, aliado à perseverança na ação evangelizadora, consegue transformações extraordinárias. É necessário agir sempre, no mesmo ritmo de amor e de eficiência dos primeiros momentos, pois o trabalho não é para os que têm pressa e não têm paciência: antes é uma semente realizada com sementes que exigem adubagem e cuidados permanentes.

A continuidade da ação, ao longo do tempo, representa, portanto, uma das colunas mestras da tarefa em foco.

O tarefeiro

Quantas vezes ouvimos questionar o termo *evangelizador*. Os questionadores desejavam encontrar uma denominação mais modesta para designar aqueles que se empenham na árdua, mas gratificante, tarefa de evangelizar. Resultou infrutífera essa busca, porquanto não é o nome que dá importância à tarefa, mas esta é que atribui valor ao nome.

Quem evangeliza, queira ou não se autodenominar *evangelizador*, nem por isso deixará de exercer uma missão de alta relevância.

Ele é muito mais que um monitor — é o companheiro, o amigo, o conselheiro, aquele que dá vida e dinamismo à aula, aquele que impregna os conteúdos da lição com o calor da certeza que tem na tarefa que realiza. Não é um mero transmissor de informações. Os conhecimentos por ele veiculados guardam a pujança da sua fé e do seu ideal. Vale-se dos recursos técnico-pedagógicos indispensáveis, mas utiliza o amor como técnica por excelência.

O Movimento Espírita brasileiro realiza um trabalho sério — e eminentemente espírita — na área de infância e juventude se levarmos em conta que ele se baseia, sem sombra de dúvida, nas obras da Codificação como bem o atesta o *Currículo para as Escolas de Evangelização Espírita Infanto-Juvenil* (FEB, 1997).

Os evangelizadores espíritas, cada vez mais conscientizados da importância do seu trabalho, estudam a Doutrina Espírita, aprofundando conhecimentos doutrinários; e se aperfeiçoam ou se preparam em técnicas de ensino, para melhor atender às exigências do processo ensino-aprendizagem.

Há toda uma programação de trabalho, que vai desde o preparo técnico-doutrinário do evangelizador até a elaboração de

currículos e de planos de ensino, envolvendo equipes de planejamento e de execução bem maiores do que se poderia imaginar.

Tecnologia, conhecimento espírita e evangélico, dedicação, consciência da necessidade de auto-aperfeiçoamento são os pré-requisitos que o evangelizador espírita sabe que deve adquirir para o bom desempenho de sua tarefa.

Acrescente-se, ainda, que essa é uma postura de consenso entre todos os que militam nesse tipo de atividade, pois não há mais dúvida de que a evangelização espírita da criança e do jovem tem por objetivo a formação moral das novas gerações, embasada nos ensinamentos do Espiritismo e do Evangelho. Também isto não constitui novidade para aqueles que têm acompanhado o esforço de quantos se dedicam a esse mister.



Meditando com Emmanuel

“Somente o bem pode conferir o galardão da liberdade suprema, representando a chave única suscetível de abrir as portas sagradas do Infinito à alma ansiosa.”

Caminho, Verdade e Vida

Emmanuel

Falar em liberdade suprema sem aliá-la à prática incondicional do bem é semear em solo estéril. O ideal de liberdade que deve permear todo o processo educativo precisa caminhar *pari passu* com o da prática do bem. A História está cheia de gritos de liberdade seguidos de carnificinas aterrorizantes. Quem evangeliza, todavia, deve ensinar o valor da liberdade à luz da prática permanente do amor ao próximo.

Liberdade — prática do bem, eis o binômio realmente libertador.



12

Técnica e sentimento

Desde os primeiros passos dados na árdua tarefa da Evangelização Espírita da Infância e da Juventude, se discute a temática da técnica e do sentimento. Muitos esclarecimentos têm sido feitos no sentido de demonstrar que o emprego de tecnologia adequada ao entendimento das diferentes faixas etárias em nada invalida os sentimentos dos quais deve estar possuído o evangelizador espírita. E tanto isso é verdade que, em todos os cursos de preparação de evangelizadores, encontros, seminários e outras atividades de conjunto, é enfatizada a necessidade de desenvolver o amor como *o eterno fundamento da educação*, conforme se expressou o insigne Pestalozzi.

Acreditamos que nenhum evangelizador até hoje se tenha equivocado quanto à predominância do sentimento de amor sobre o emprego das técnicas educacionais. O amor é condição sem a qual não se pode promover a Evangelização Espírita das novas gerações. Aliás, o fato em si de alguém dedicar suas horas de descanso a um trabalho não-remunerado, feito no anonimato e sem outra gratificação que não seja o prazer de servir, comprova, sem sombra de dúvida, o que afirmamos. É por amor à criança e ao jovem que alguém se torna evangelizador. Que outro motivo teria? Amor à técnica? Absurdo!

Todavia, ao tornar-se evangelizador por ideal, por entender o alcance dessa tarefa, procura os recursos necessários a um bom desempenho. Em primeiro lugar, estuda a Doutrina Espírita e o Evangelho, pré-requisitos à tarefa que pretende realizar. E no correr do tempo vai-se apropriando, por meio de cursos e encontros, da tecnologia necessária ao aprimoramento do seu trabalho. E assim tem acontecido ao longo de mais de meio século de esforços em torno da Evangelização Espírita Infante-Juvenil.

A única exigência, em termos de conhecimento, que se deve fazer em relação ao preparo daquele que se propõe evangelizar, é a do domínio prévio do Espiritismo. Quem não tiver esse domínio não está em condições de atender aos objetivos da tarefa, ainda que possuidor de grande boa vontade.

Não se pode dizer que essa exigência é uma forma de elitismo, mas antes uma maneira de assegurar o cumprimento dos objetivos propostos para a evangelização espírita das novas gerações.

A falsa concepção de que o candidato a evangelizador, tendo boa vontade, dispensa os conhecimentos doutrinários tem causado muitos prejuízos à eficiência do trabalho.

Além do mais, a boa vontade se manifesta exatamente no esforço que o candidato faz para adquirir os conhecimentos que são indispensáveis ao seu ministério. Boa vontade de aprender, de se aprimorar, de enriquecer seus recursos pessoais (intelectuais e afetivos), esta, sim, seria uma qualidade básica para outras aquisições complementares que venha a conquistar.

Em segundo plano vem a tecnologia aplicável às experiências de aprendizagem que são organizadas para evangelizando de diversas faixas etárias ou, em outras palavras, as técnicas empregadas no desenvolvimento das aulas.

Negar ou menosprezar a importância de uma tecnologia adequada às exigências do mundo atual é desconhecer os

problemas que evangelizadores e educadores, de modo geral, encontram em sala de aula. O educando, que convive fora da escola com os mais sofisticados processos de comunicação, não pode achar encanto numa classe na qual o educador usa métodos e processos de ensino totalmente incompatíveis com o progresso atual. Um mínimo de capacitação em técnicas de ensino e em recursos didáticos é necessário ao evangelizador, ao educador, para que a mensagem que pretende transmitir, as informações que deseja oferecer aos alunos possam a estes chegar de maneira agradável, participativa, dinâmica e eficiente.

Cumprindo acrescentar que os requisitos mínimos para o desempenho da tarefa de evangelizar não são exigências dos dirigentes espíritas, mas do próprio trabalho, da clientela que freqüenta as aulas de evangelização espírita, de suas necessidades e expectativas. Não se pode negar o que é evidente por si mesmo: as crianças e os adolescentes não aceitam mais processos obsoletos de ensino-aprendizagem. E o próprio evangelizador, não obtendo resultados positivos no seu trabalho, por não ter condições de despertar o interesse e a atenção dos evangelizados, não se sente gratificado nem estimulado a prosseguir. Esse fato se observa freqüentemente entre aqueles que se dedicam a esse ministério.

Reforçando as opiniões e considerações já emitidas, frutos da vivência de anos no campo da Evangelização Espírita Infanto-Juvenil, repetimos que o aprimoramento do evangelizador, do educador espírita, não é condição imposta por dirigentes de Centros Espíritas ou de órgãos de unificação do Movimento Espírita, mas sim, decorrência natural da própria tarefa.

Quem exige, em última análise, são os evangelizados, que demonstram essa exigência por meio do maior ou menor interesse manifestado pelas aulas que lhes são ministradas.



*Meditando com Pestalozzi*

“O amor é o eterno fundamento da educação.”

Pestalozzi

Toda a tarefa de educação deve ter como base o amor. Em decorrência, os processos educativos precisam, por sua vez, espelhar, no seu desenvolvimento, o sentimento amoroso que os inspirou.

O maior problema, nos parece, é distinguir o amor de outros sentimentos que podem mascará-lo. O amor pressupõe-se renúncia, dedicação, fé, perdão sincero, perseverança, entre outros sentimentos de igual valor, para que se concretize a obra de educação nele fundamentada.

Quando, como educadores, começamos a enumerar dificuldades, a relacionar obstáculos intransponíveis, a considerar problemas pessoais e circunstâncias impeditivos à completa realização da nossa tarefa, significa que ainda não somos capazes de amar no sentido pleno desta palavra.

Mas se a despeito de tudo, continuarmos a procurar os caminhos que nos conduzirão à correta conjugação desse verbo, teremos dado passo decisivo ao encontro de nós próprios. Meditemos a respeito.

13

A influência dos conceitos de modernidade na Evangelização

“E fazei veredas direitas para os vossos pés, para que o que manqueja se não desvie inteiramente, antes seja sarado.”¹

Preocupados em tornar a mensagem evangélico-doutrinária interessante e acessível às crianças e aos adolescentes, muitos evangelizadores lançam mão de recursos completamente inadequados aos objetivos da Evangelização.

O ensino do Espiritismo em si é assunto sério pela sua própria natureza, visto que lança sementes que modificarão o indivíduo e, em consequência, a sociedade. Não pode, a qualquer título, ser tratado com leviandade.

Utilizar recursos didáticos, para o ensino, não condizentes com a seriedade de que ele se reveste é, fora de dúvida, trocar o principal pelo secundário ou, explicitando, valorizar mais a metodologia do que a mensagem espírita.

O importante, na opinião de determinado grupo de evangelizadores, é oferecer o ensino mediante recursos bastante

¹ *Bíblia Sagrada* — Paulo (Hebreus, 12:13).

As demais atividades desenvolvidas na *evangelização*, que identificamos como complementares — em que pesem opiniões contrárias — são as oportunidades de pôr-se em prática os conhecimentos adquiridos no ensino formal. São as atividades de trabalho nas áreas de assistência e promoção social, de artesanato ou de arte, propriamente ditas.

As atividades referidas são os meios; o aprendizado dos conteúdos doutrinários constitui os objetivos a que devemos visar.

Os objetivos não podem ser confundidos com os meios, nem a estes se subordinarem.

A influência dessas idéias em nossas vidas é de tal monta que, há pouco, grupos de companheiros ligados às tarefas de evangelização preparavam o programa de um *Encontro* e se confessavam preocupadíssimos com a montagem das *oficinas* (técnica pedagógica), sem terem antes definido os objetivos e os conteúdos, elementos principais de qualquer programação espírita.

Não se pretende invalidar, com esses comentários, a importância das técnicas didáticas aplicadas à evangelização. É evidente que o seu uso é indispensável à tarefa do evangelizador, mas daí a ocupar o primeiro lugar na hierarquia dos elementos a serem considerados no planejamento de aulas, ou na montagem de programas doutrinários diversos, vai muita distância.

A idéia de modernidade apregoada em muitos setores da sociedade, trazida para algumas áreas de trabalho do Movimento Espírita precisa ser bem analisada. Ninguém negará, por certo, a existência de novos enfoques, nem o alargamento da visão humana e conseqüente amadurecimento intelectual, mas isso não significa que se menosprezem os fundamentos da Doutrina e do Evangelho, sólidos alicerces sobre os quais se tem erigido o progresso moral da Humanidade.

As demais atividades desenvolvidas na *evangelização*, que identificamos como complementares — em que pesem opiniões contrárias — são as oportunidades de pôr-se em prática os conhecimentos adquiridos no ensino formal. São as atividades de trabalho nas áreas de assistência e promoção social, de artesanato ou de arte, propriamente ditas.

As atividades referidas são os meios; o aprendizado dos conteúdos doutrinários constitui os objetivos a que devemos visar.

Os objetivos não podem ser confundidos com os meios, nem a estes se subordinarem.

A influência dessas idéias em nossas vidas é de tal monta que, há pouco, grupos de companheiros ligados às tarefas de evangelização preparavam o programa de um *Encontro* e se confessavam preocupadíssimos com a montagem das *oficinas* (técnica pedagógica), sem terem antes definido os objetivos e os conteúdos, elementos principais de qualquer programação espírita.

Não se pretende invalidar, com esses comentários, a importância das técnicas didáticas aplicadas à evangelização. É evidente que o seu uso é indispensável à tarefa do evangelizador, mas daí a ocupar o primeiro lugar na hierarquia dos elementos a serem considerados no planejamento de aulas, ou na montagem de programas doutrinários diversos, vai muita distância.

A idéia de modernidade apregoada em muitos setores da sociedade, trazida para algumas áreas de trabalho do Movimento Espírita precisa ser bem analisada. Ninguém negará, por certo, a existência de novos enfoques, nem o alargamento da visão humana e conseqüente amadurecimento intelectual, mas isso não significa que se menosprezem os fundamentos da Doutrina e do Evangelho, sólidos alicerces sobre os quais se tem erigido o progresso moral da Humanidade.

Não se concebe, portanto, no Movimento Espírita, nenhuma atividade que não se socorra, em primeiro plano, dos princípios básicos do Espiritismo e dos conhecimentos contidos na mensagem crística.

Sem Doutrina e sem Evangelho as atividades programadas podem até ser boas e agradáveis, mas não serão espíritas.

Busque-se reforço para esse pensamento em Emmanuel:
“Toda crença é respeitável.

No entanto, se buscaste a Doutrina Espírita, não lhe negues fidelidade. (...)

E a Doutrina do Cristo (rediviva no Espiritismo) é a doutrina do aperfeiçoamento moral em todos os mundos.*

Guarda-a, pois, na existência, como sendo a tua responsabilidade mais alta, porque dia virá em que serás naturalmente convidado a prestar-lhe conta.”¹



^{*} Trecho entre parênteses: comentário da autora.

¹ Revista *Reformador*, janeiro de 1960. Trechos da mensagem “Doutrina Espírita”, de Emmanuel, ditada a Chico Xavier.

14

Fidelidade à mensagem do Cristo e do Espiritismo

Estamos de posse da mensagem do Cristo há dois mil anos. Há dois mil anos que a recomendação do “*amai-vos uns aos outros*” ecoa em nossos ouvidos como precioso convite à fraternidade e ao serviço da benemerência a amigos e até a inimigos.

Soa ainda, nos ares, como algo que nos parece muito recente, o Sermão do Monte — “*bem-aventurados os mansos porque herdarão a Terra*” —, contrapondo-se a todo tipo de violência e agressividade que invadem as cidades e demandam os campos, denunciando um momento apocalíptico, mesmo que transitório.

Chocam-se os valores que se invertem na hierarquia moral, a ponto de os homens desatentos não distinguirem o certo do errado.

O Cristo, todavia, continua informando — “*Há muitas moradas na Casa de meu Pai*” —, descortinando às criaturas as mais amplas perspectivas de vida e arrancando-as dos interesses imediatistas e sufocantes.

“Curai os enfermos, ressuscitai os mortos, limpai os leprosos, expeli os demônios; dai de graça o que de graça recebestes” —, expondo um grande programa de vida, capaz de retirar os homens do ciclo vicioso das reencarnações improdutivas.

“Os sãos não têm necessidade de médico e sim os doentes” —, chamando a atenção para os necessitados, e necessitados de todos os matizes, traçando um programa de ajuda fraterna dos mais significativos por apresentar o indivíduo desajustado como um doente a reclamar tratamento e atenção.

Continua o Mestre a erguer sua voz, doce e firme, suave e melódica, incisiva e direta, ensinando as mais nobres lições que continuam atualíssimas e irretorquíveis dentro do contexto do pensamento humano atual.

Todavia, o mundo da agressividade e da violência teima em sobrepor-se às palavras do Cristo, num autêntico desafio da sombra contra a luz. As guerras fratricidas contestam a recomendação do “*amai-vos uns aos outros*” e o homem moderno não reconhece que, além da vida física, outras *moradas* o aguardam como estímulo à luta interna pela renovação espiritual.

Por compreender o Mestre as nossas deficiências no apreender a sua mensagem, prometeu-nos, para mais tarde, o Consolador, que teria a missão de não só relembrar os seus ensinamentos, mas também de aclarar muitas de suas lições sob o véu das alegorias.

Aparece, pois, na segunda metade do século XIX, o Espiritismo, esse mesmo Consolador, prometido por Jesus, que viria, e de fato veio, esclarecer muitos pontos que jaziam incompreendidos. Cientistas e filósofos, homens de cultura, das mais variadas, examinaram a tese espírita e com ela concordaram.

Sua lógica e coerência chamaram a atenção dos sábios da época, como tem acontecido sempre, desde o seu aparecimento.

Hoje o Espiritismo se propaga, atingindo todas as camadas sociais em grande escala. Esclareça-se que a Doutrina Espírita nunca foi elitista, não obstante, no seu início, ter tido o apoio da classe culta, que não lhe poupou admiração e respeito.

No Brasil, sua divulgação está produzindo resultados admiráveis, pois que, dentro das atividades que o Espiritismo desenvolve, avulta a Evangelização da Criança e do Jovem, por abranger todo o território nacional e por percorrer caminhos que lhe garantem a unidade de princípios e objetivos.

A Evangelização Espírita Infante-Juvenil é hoje uma realidade no Brasil, graças aos esforços desenvolvidos pelo Movimento Espírita organizado pela Federação Espírita Brasileira e pelas Federativas Estaduais, Uniões Municipais e, especialmente, pelo Centro Espírita, pois é o executor das tarefas junto à nova geração.

Esse trabalho, que obedece à programação prévia, na qual estão muito bem evidenciados os conteúdos doutrinário-evangélicos, os objetivos e os fins, bem como a metodologia, segue o seu caminho, lento, mas bem alicerçado.

Os resultados, como já foi dito, são de longo prazo.

Formar uma nova mentalidade demanda paciência e perseverança.

Há, todavia, companheiros apressados que esperam resultados imediatos, tentando, equivocadamente, novos processos que se afastam da finalidade e dos objetivos do próprio trabalho.

Desejam a substituição de programas e conteúdos, pretendendo a introdução de novidades que não correspondem aos objetivos do Espiritismo. Não propugnam pela fidelidade aos princípios doutrinários. Ao invés, sacrificam-na em favor de empréstimos a outras correntes de pensamento, no afã desabrido de inovar.

É preciso examinar, com cautela, essas tendências, uma vez que nada deve afastar as tarefas espíritas do sentido superior da mensagem do Espiritismo.

A Doutrina Espírita não precisa buscar recursos noutras correntes de pensamento religioso, pois ela é auto-suficiente. Ela acrescentará as novas conquistas do conhecimento ao seu patrimônio, na sua caminhada evolutiva, mas seus alicerces continuarão irremovíveis.

Não se pode conceber, pois, em hipótese alguma, a chamada *evangelização ecumênica*, como a que se encontra em redutos de trabalho de algumas entidades espíritas, que ensinam tudo, menos os princípios básicos do Espiritismo, deixando de lado o que é fundamental para o auto-aperfeiçoamento dos indivíduos.



15

Como educar os filhos?

Diversas teorias sobre educação preocupam pais e educadores na época atual, quando surgem tantos questionamentos e contestações sobre princípios, até agora, considerados inquestionáveis.

No aspecto de *não direcionar o pensamento do educando*, quer seja filho ou aluno, e no que tange à conduta de *ensinar a pensar* e não *o que pensar*, as opiniões se dividem. Esse ponto, que num exame superficial pareceria de menor importância para nós espíritas, às voltas com as transcendentais questões da nossa sobrevivência e da nossa destinação, não o é, todavia, se considerarmos a influência que o tema em foco exerce na educação das novas gerações.

Ninguém mais tem dúvidas sobre a necessidade de *ensinar a pensar*. Numa sociedade onde a pleora de conhecimentos, de informações chega a culminâncias inimagináveis, ensinar a pensar tornou-se, de fato, uma imposição nos métodos educativos.

Não basta e nem é conveniente encher a cabeça do estudante de informações, sem lhe ensinar a raciocinar sobre elas, dando-lhe condições de selecionar esse material e sobre ele emitir

juízos de valor. Os conhecimentos devem funcionar como um reativo intelectual e não se destinar, apenas, a armazenamento de dados, como se o cérebro humano não passasse de um simples depósito. O ensino, pois, deve ser conduzido no sentido de forçar o educando a refletir e a formar opinião própria, a partir das informações que lhe são fornecidas ou dos dados que a sua observação selecionou.

Sobre o *ensinar a pensar*, todos são unânimes em admitir sua total validade. É, porém, no aspecto de não fornecer *o que pensar* às crianças e aos adolescentes, sob nossa tutela educativa, que surgem as divergências. Se por um lado é mister dar ênfase ao primeiro, por outro, não se deve deixá-los sem orientação, em contato com a sociedade, representada pela Escola, pelos amigos, vizinhos...

Os meios de comunicação, mesmo não intencionalmente, saturam as mentes imaturas de informações, tornando difícil, nessa fase de crescimento, o processo de seleção, mesmo porque não há, ainda, parâmetros para tal.

A educação familiar, isto é, aquela que orienta a formação do caráter, é da alçada dos pais e deve estar impregnada dos valores por eles aceitos. Portanto, à família e à escola cabem oferecer o tipo de material que servirá de base à atividade de reflexão do educando. Este receberá sempre influências externas e opostas, muitas vezes, às recebidas na família, mas haverá, com certeza, prevalência dos valores e dos conceitos que a família lhe tenha oferecido.

Torna-se necessário, assim, que os pais compreendam que lhes cabe, sem sombra de dúvida, a atribuição natural da seleção de valores e de informações que devem dar aos filhos e das quais não podem abrir mão. Sem descurar do aspecto e da necessidade de ensinar a pensar, os pais devem, ao mesmo tempo, oferecer aos

filhos o que pensar, até que eles, atingida a maturidade, escolham seu próprio material.

Enquanto não chega esse momento, cabe-lhes encaminhá-los nos complicados meandros do raciocínio e do discernimento. Realizada essa tarefa, os pais estarão quites com suas obrigações, uma vez que cada um tem o seu livre-arbítrio e toma as suas decisões, quando atinge a maturidade.

No que concerne à educação religiosa, a postura é a mesma. Impossível delegar a outrem a tarefa de orientar os filhos nesse importante ponto. Não há argumentos que convençam do contrário.

Em razão disso, é por demais evidente que os pais espíritas, como todos os outros pais pertencentes a outras correntes de pensamento, têm o dever de orientar os filhos dentro dos princípios éticos, religiosos ou filosóficos que orientam seus próprios passos na trajetória terrena.

O pai espírita, portanto, que é indiferente à orientação da prole dentro dos ensinamentos do Espiritismo, não está sendo coerente com os seus princípios, e demonstra grande e perniciosa indiferença em relação ao que é mais importante aos próprios filhos. Ele só não deve intervir na orientação dos filhos se estes já tiverem atingido a maturidade. Fora disso, é sua obrigação intransferível transmitir os conhecimentos espíritas à família, educando-a de acordo com a concepção de vida que o Espiritismo descortina.

Nenhum pretendo escrúpulo de cerceamento da liberdade de pensar deve diminuir a determinação dos pais nesse sentido, pois já vimos que as vacilações na escolha do tipo de educação religiosa a ser seguida têm favorecido a interferência de terceiros numa tarefa que é de exclusiva responsabilidade da família.

Conscientizemo-nos de que os Espíritos que reencarnam num lar espírita necessitam, mais do que tudo, da orientação que o Espiritismo pode oferecer. De outro modo, teríamos que admitir que retornamos à Terra sem nenhum planejamento, navegando no mar da vida, ao sabor das ondas, sem rumo, sem bússola, sem recursos para refazeremos o passado e avançar para o futuro de passo firme e certo.

O Espiritismo, que revive as lições de Jesus, é a melhor herança a ser deixada aos filhos, se na realidade já entendemos o alcance que a Doutrina Espírita tem na reconstrução da sociedade humana, cada vez mais carente de compreensão e de paz.

Eduquemos, com o maior empenho, nossos filhos, dentro dos princípios espíritas, sem receios, sem vacilações, convencidos de que estamos colaborando para a sua efetiva felicidade e para a regeneração do mundo.

Atitudes dos pais espíritas

O espírita convicto, para o qual o conhecimento do Espiritismo se transforma em norma de vida a orientar-lhe os passos em todas as decisões, não pode educar os filhos sem levar em conta o fundamento espírita, que deve embasar a educação que a eles ministra.

Essa atitude, a mais importante na tarefa dos pais junto aos filhos, deve ser convenientemente analisada para que conclusões apressadas, que expressam o pensamento de alguns, não venham a enfraquecê-la.

Observa-se que a falta de maior aprofundamento do assunto tem levado muitos pais espíritas a declarar que não influenciam ou não inclinam os filhos ao estudo do Espiritismo,

sob a alegação de não pretenderem cercear-lhes a liberdade de pensar, deixando-lhes a escolha, na fase adulta, do rumo a seguir.

Essa posição, entretanto, tem duas falhas fundamentais: em primeiro lugar, a educação espírita não visa somente ao ensino da Doutrina Espírita, mas envolve toda uma postura filosófica em relação às necessidades do educando, principalmente no que se refere a valores morais; e, em segundo lugar, os pais — que em todas as circunstâncias influem nas decisões dos filhos, considerando a sua imaturidade na questão religiosa, tão importante e decisiva — não se devem abster, sob nenhum pretexto.

De fato, os pais espíritas, que são os depositários da confiança de Deus no encaminhamento dos Espíritos que retornam à vida terrena, que têm conhecimento mais profundo da origem e destinação desses Espíritos, que admitem que o mundo é uma escola cujo curso deve ser bem aproveitado, que sabem que os bens espirituais e eternos têm prevalência sobre os bens materiais e transitórios, não podem oferecer aos filhos outra educação senão aquela que o Espiritismo apregoa. Ademais, qualquer omissão nesse sentido não encontra respaldo no bom senso nem na lógica.

Educar, pois, dentro da concepção espírita é não só oferecer os conhecimentos do Espiritismo, como também envolver o educando numa atmosfera de responsabilidade, de respeito à vida, de fé em Deus, de consideração e amor aos semelhantes, de valorização das oportunidades recebidas, de trabalho construtivo e de integração consigo, com o próximo e com Deus, único programa compatível com as convicções que a Doutrina Espírita já formou em cada um de nós.

Agir contrariamente é colocar-se em situação de flagrante incoerência perante aquilo em que se crê ou que se admite como certo, e o que se faz ou se induz os outros a fazerem.

Não pode haver entre os pais espíritas uma dicotomia tão grande entre as suas convicções e o modo como educam os filhos.

Ainda mais quando os pais, não comandando a educação dos filhos, dão chance a que outros assumam esse papel, porquanto em sociedade todos interagem e se influenciam mutuamente.

Princípios perniciosos, fins utilitaristas, conceitos materialistas de vida podem afetar a formação moral dos filhos, arruinando-lhes a experiência física, por omissão dos pais, inconcebível omissão, tratando-se de pais espíritas.

Pelo exposto, deve-se concluir que a educação à luz do Espiritismo é medida inadiável e, também, insubstituível para a redenção da Humanidade.

Portanto, em lugar de justificativas infundadas, uma ação corajosa e coerente se impõe a todos nós, que nos identificamos como espíritas e que, como tais, precisamos agir.



16

Mensagem aos evangelizadores

Desde o fim do segundo milênio, que tantas transformações trouxe à humanidade terrestre, e às portas de um novo ciclo evolutivo cujo alcance escapa às nossas mais arrojadas previsões, impõem-se alguns questionamentos.

Em que ritmo se desenvolverá o avanço da Ciência? O progresso moral acompanhará esse ritmo? Se não acompanhar, como enfrentaremos tão perigoso descompasso?

O panorama atual da sociedade humana, embora reconhecido como de transição, não é nada tranquilizador pelas características de que se reveste.

A excessiva diversidade do pensamento que não encontra um fulcro onde se apoiar para traçar rumos e diretrizes que colaborem para a paz e a felicidade de todos, o imediatismo avassalador que impede uma visão de futuro mais ampla e o egoísmo cego que faz a criatura sentir-se o centro do Universo, limitando-lhe os horizontes, constituem circunstâncias negativas nas quais o Espírito se envolve e as quais deve superar.

Levando em conta a babel de conceitos, preconceitos, opiniões e diretrizes que constituem o pensamento moderno, em todas as áreas do saber humano, notadamente no campo da Ética e da Educação, ao realizarmos o 3º Encontro Nacional de Diretores de DIJ, procuramos afanosamente situar o evangelizador na visão espírita-cristã, na simplicidade dos ensinamentos de Jesus e na concisão e lógica do trabalho de Kardec.

Reunimos farto subsídio de mensagens dos Espíritos Superiores, relativas à Evangelização da criança e do jovem.

Essas mensagens, por certo, nortearão os nossos passos, no sentido das diretrizes gerais da tarefa evangelizadora junto às novas gerações. Não compatibilizar nossas visões pessoais do trabalho com a visão dos Espíritos Superiores cujo descortino, sem dúvida, muito nos auxiliará a caminhar ao encontro dos planos de Jesus, em relação à infância e à juventude espíritas.

Fomos convocados a realizar uma obra específica no campo do bem, cujo Mestre e responsável maior pela sua execução coloca ao nosso alcance os recursos necessários, respeitando, porém, a nossa disposição de agir.

São poucos, por hora, os que se dispõem à ação. Mas já aprendemos com Jesus a lição do fermento que é capaz de levedar a massa toda! Sejamos o fermento pela força da nossa convicção e da nossa certeza na excelência da tarefa a que nos propomos.

Outros se juntarão à nós, se dermos o exemplo da perseverança e da fidelidade aos princípios estabelecidos para esse trabalho pelo Cristo de Deus. O nosso exemplo pode arrastar multidões pela força que lhe é intrínseca, advinda dos transcendentais objetivos que norteiam a tarefa.

Quem caminha rumo à espiritualização, com certeza não caminha só, como também, em boa companhia. Quem não desiste



no meio do caminho encoraja os que o acompanham a prosseguir, colaborando para que a caravana não se enfraqueça e siga, unida, até o fim.

Talvez nunca tenhamos pensado, maduramente, na força do exemplo. Quantos prosseguem ou quantos desistem influenciados, quase sempre sem consciência do fato, pelos nossos exemplos bons ou maus.

Perseverar no trabalho anônimo e produtivo que não recebe os aplausos do mundo, porque não fica em evidência social, é dar testemunho de alta compreensão dos planos de Jesus, relativos à nossa melhoria espiritual. A tarefa de evangelização da criança e do jovem é um desses trabalhos. Plantar, na mente e nos sentimentos da nova geração, a semente de uma sociedade altruística é investir no futuro, com apreciáveis possibilidades de êxito.

Para tanto, necessita o evangelizador estar convencido da importância e do alcance do seu trabalho, condição sem a qual não terá forças suficientes para enfrentar os obstáculos de várias naturezas que comumente se antepõem às nobres realizações.

Fortificado no seu ideal, poderá o evangelizador cumprir tarefa socioespiritual de grande valia e arrastar, com seu exemplo, aqueles que, embora ainda indecisos, se inclinam a seguir um bom modelo.





Meditando com Jesus

“Mas buscai primeiro o Reino de Deus, e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas.”

(Mateus, 6:33.)

Quando, nos desafios da vida, listamos dificuldades, relacionamos obstáculos, na execução do planejamento divino a nosso próprio respeito, estamos esquecendo a receita infalível do grande médico que no-la indicou há dois mil anos.

Procurando o Reino de Deus e a sua justiça encontraremos a harmonia da vida expressa nos mais simples acontecimentos que nos cercam, aumentando nossa capacidade de luta e de progresso.

O entendimento do significado desse Reino resolve todos os nossos problemas, soluciona todas as dúvidas, abrindo os caminhos para todas as conquistas que possamos imaginar e mais aquelas que ainda não temos condições de imaginar.

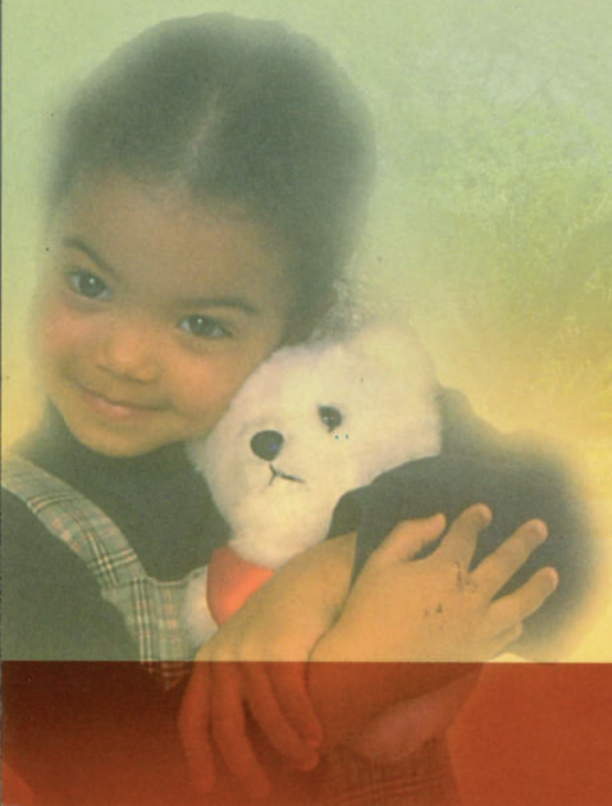
Cumpre acrescentar, entretanto, que a procura desse Reino requer muita meditação, grande reflexão acerca do que somos e para onde vamos. Meditemos, pois.

PELOS CAMINHOS DA

Evangelização

CECÍLIA ROCHA

Reflexões sobre temas de grande importância para a Evangelização Espírita das novas gerações, tais como, conceitos de educação, educando e educador, à luz do Espiritismo; definições do que se entende por Evangelização Espírita; procedimentos iniciais básicos para o desenvolvimento deste trabalho com eficiência, entre outros assuntos pertinentes à tarefa evangelizadora, estudos que constituem o livro ora apresentado ao Movimento Espírita e a interessados de modo geral, no intuito de contribuir para melhor entendimento do que se está realizando e do que se pretende realizar no vasto campo da sementeira evangélica nos corações infanto-juvenis.



ISBN 85-7328-478-1



9 788573 128478 2